

ENTREVISTA

(António José Teixeira para o Diário Económico)

Como vai a Fundação Mário Soares?

Vai bem. 2006 foi um ano difícil, dado o meu empenhamento nas eleições presidenciais. Criou algumas inibições... A Fundação é rigorosamente apartidária, mas está ligada à pessoa que lhe deu o nome, que é o seu presidente vitalício. Houve um certo retraimento por parte de alguns dos nossos patronos. Mas passou, naturalmente. Estamos agora um patamar acima do que fomos. Com mais projectos e maior actividade. O nosso arquivo todos os anos tem sido enriquecido, por espólios portugueses e do espaço da Lusofonia.

E além do arquivo...

Temos um Centro de Investigação e Formação para uma Cultura da Paz, que se interessa em criar quadros para a resolução de conflitos. É orientado, no plano científico, pelo prof. Adriano Moreira. Realizámos um levantamento total das missões portuguesas de paz. Um estudo exaustivo, que ofereci ao Presidente Cavaco Silva, quando reuniu o Conselho de Estado para se falar das missões de paz. O nosso estudo foi feito, quase exclusivamente, por militares. Realizamos também colóquios e seminários sobre temas da actualidade. Alguns em colaboração com instituições congéneres, como o Brasil, a Espanha, a Alemanha e a Rússia. Realizámos este ano de 2007 dois seminários com o Instituto de Política Externa e de Defesa de Moscovo e um com a Comissão de Política Externa de Berlim. Estamos a preparar um seminário, em cooperação com a Galp, sobre a energia. Vai ser em Outubro e já convidámos empresas representativas de produtores e consumidores para participarem.

Continua a viajar muito ou está mais sedentário?

Infelizmente tenho viajado mais do que queria. Só em 2007 fui à Jordânia para participar numa reunião da Academia da Latinidade com figuras representativas do mundo árabe. Fui ao Brasil para conferências duas vezes. Estive na Venezuela. Fui ao Equador e a Marrocos e estive várias vezes a fazer conferências ou a participar em reuniões em França, Itália e Espanha. Há poucas semanas fiz na Universidade de Santander a conferência inaugural para o Curso de Verão sobre "Uma Nova Ordem Mundial para o Terceiro Milénio" (o texto foi publicado em espanhol pela Universidade).

Que avaliação faz do estado do mundo? Estamos a caminhar para uma guerra de civilizações ou há uma esperança?

Obviamente que a esperança nunca se perde. E há boas razões para a manter. Mas o estado do Mundo é deplorável. Apesar disso não acredito no chamado "choque de civilizações". Seria de tal maneira insensato! Aliás, estamos a iniciar o fim da era Bush...

O mundo está mais radicalizado?

O fundamentalismo islâmico tem vindo a fortalecer-se. Mas há também fundamentalismo judaico e cristão. Não o esqueçamos. É urgente, indispensável um grande diálogo mediterrânico. O Mediterrâneo oriental foi a sede das grandes religiões monoteístas. É preciso que as grandes religiões voltem a dialogar. O novo encontro ecuménico de Santo Egídio será este ano em Nápoles, onde espero estar, em Outubro próximo. Não podemos permitir que o Ocidente entre em decadência. Seria uma tragédia para o Mundo. Mas, para tanto, é preciso que a União Europeia saia

do seu torpor e tome decisões, com autonomia estratégica em relação aos Estados Unidos. Porque aqueles que dizem que pode haver uma guerra de civilizações têm alguma razão. O descrédito do Ocidente é efectivo. E a força dos países emergentes - o Brasil, a China, a Índia e a Rússia, é efectiva. A relação de forças no Mundo está a mudar. Qual a estratégia europeia? A situação não está clarificado na União. Esse é o nosso maior problema.

A União Europeia devia abrir as portas à Rússia?

A Rússia não quer integrar a UE. Mas quer ter relações estratégicas claras com a União. É um Estado que atravessa dois continentes. O que não suporta é que os novos países que entraram no último alargamento - como a Polónia ou a República Checa - que são muito críticos da Rússia, porque têm velhas queixas da União Soviética, aproveitem a integração para hostilizar a Rússia. E tem alguma razão.

Houve um endurecimento do regime russo, sob Putin. É verdade. Mas a Rússia foi humilhada depois do colapso do comunismo. Não foi suficientemente ajudada. Agora os Estados Unidos, que sentem a Rússia forte e rica - por causa do petróleo e do gás - resolveram, unilateralmente, sem consultar a NATO nem ouvir a União Europeia, instalar mísseis, dirigidos contra a Rússia, na Polónia e na República Checa. É um jogo muito perigoso. A União Europeia deve perceber que tudo isso vai mudar quando houver outro Presidente nos Estados Unidos, mesmo que seja republicano (o que não creio). A União Europeia deve antecipar-se e abrir, desde já, um diálogo leal e correcto com a Rússia. Só ganhará com isso bem como a paz mundial.

Tem sido criticado por se encontrar com Hugo Chavez, o homem que ainda há pouco tempo encerrou um canal de televisão...

Há cerca de duzentos e cinquenta mil portugueses na Venezuela. Não devemos esquecer isso. Por outro lado, não devemos diabolizar Chavez, nem proceder com ele como a América tem procedido com Fidel, sobretudo quando Cuba esta está a entrar numa fase de transição. Aliás, Chavez, não fechou um canal de televisão. Apenas, no final da concessão, não lhe renovou a licença. Era um canal de uma imensa agressividade e impertinência para com o Presidente da República eleito. Vi em Caracas algumas emissões e sei o que era.

Mas imagino que no lugar de Chavez não fizesse o mesmo...

Desculpe, mas esse é um tipo de pergunta que não tem sentido. Sou português, europeu e tenho outro tipo de formação. Não sou militar nem, como Presidente da República, sofri nenhum golpe, apoiado pela CIA, para me derrubar. Nem nenhuma tentativa de assassinato. Chavez é um Presidente eleito por uma esmagadora maioria, em eleições internacionalmente fiscalizadas e consideradas genuínas por todos os observadores, entre eles o Presidente Carter. A televisão em questão emitia com uma concessão do Estado que terminou e não foi renovada, É tudo! E não se esqueça que continuam três televisões privadas de uma violência anti-Chavez enorme.

Podemos dizer que a Venezuela é uma democracia?

Chavez foi eleito democraticamente. Reconhece a Oposição. Não é Pinochet, nem chegou ao poder com a benção dos americanos. Isso é verdade...

Por outro lado, para ir ao fundo da questão, sempre entendi - e entendo - que um homem político não deve ter medo de falar com quem quer que seja. Quando fala com alguém, isso não quer dizer que tenha as ideias do seu interlocutor. Os americanos não branquearam Kadafi, depois de o terem diabolizado? Não estão a negociar com Kim Il Sung? A caça às bruxas é sempre politicamente estúpida e, a prazo, inconveniente. Percebo que se goste ou não do Chavez. Mas não o diabolizemos nem o empurremos, com a nossa agressividade, para o radicalismo e para os braços de Fidel.

Explique melhor.

Se não tivesse havido tentativa de invasão da Baía dos Porcos e o bloqueio, que se lhe seguiu, é possível que o regime cubano se tivesse democratizado. Agora parece que poderemos vir a entrar, em Cuba, numa fase controlada de transição. A União Europeia tem interesse em a ajudar. E, para tanto, é útil manter um diálogo amplo com países como a Venezuela, a Nicarágua, a Bolívia e o Equador...

Não devia ter sido remetido ao ostracismo?

Quem, Chavez? Fidel? O ostracismo não é um caminho conducente à paz. É um caminho que conduz à cirspação e ao conflito. Há dois ou três anos, defendi que era preciso conhecer melhor os "terroristas", saber o que pensam, o que os move. Caiu-me em cima o Carmo e a Trindade. Mas quando é preciso libertar certos reféns, com quem falam os americanos e europeus? Não será com terroristas ou com os seus representantes? Não percebo os escrúpulos em relação a Chavez! É a falar que as pessoas se entendem.

Há falta de Europa no mundo?

Há. Há falta de integração comunitária. De Europa Política, Económica, Social e não só monetária. A União se não for, como tal, um protagonista global, entrará em decadência. Não fiquei satisfeito com o mandato que a senhora Merkel passou a Portugal sobre o agora chamado tratado "reformador". Reformador em quês? Chamar-lhe-ia antes contra-reformador. A palavra talismã, hoje, da direita mundial é 'reformar', mas quando fala em reformas pensa em contra-reformas. A tentativa em curso de criar um "Tratado Reformador", para substituir o Tratado Constitucional, já referendado por dezoito Estados, representa uma verdadeira contra-reforma. Desapareceram os símbolos, o significado do que é a União Europeia, o hino, a bandeira, a ideia da Constituição e a própria noção de cidadania europeia. Ora isso não é bom para os cidadãos europeus. Como é que se pode construir uma Europa, sem cidadãos conscientes para onde se caminha? Com Maastricht passávamos a saber que a Europa era constituída por Estados, mas também pelos Povos. Foi um passo em frente. Agora, não se fala mais em Povos nem do cidadãos. Só interessa o mercado! Nestas negociações não foi só a Polónia que emperrou os avanços e reclamou recuos. Foram sobretudo os britânicos. Elogiei a Senhora Merkel por ter tentado pôr o Tratado na ordem do dia. Mas, no fim, ajoelhou perante o Reino Unido. Não vejo que este mandato de Tratado seja mini ou mais simplificado, como queria Sarkozy. Todos os Tratados anteriores foram repostos em vigor. Como é que o cidadão europeu pode deixar de ficar confuso e insatisfeito? O mandato, deixado à Presidência Portuguesa não é "preciso nem claro". Se tivesse sido mais divulgado - como devia - ver-se-ia que é extremamente complexo e confuso. Não entusiasma ninguém.

Não acredita que seja fácil chegar a um tratado durante a presidência portuguesa?

Espero que cheguem, apesar de tudo. Quanto mais não seja para, quando for concluído e aprovado, suscitar polémica e decepção nos europeus - e não só indiferença, como até agora. No Mundo globalizado dos nossos dias, a União Europeia ou será uma entidade política, reconhecida como tal, ou não será nada. Tenderá a desintegrar-se, com os Estados nacionais, cada um a puxar para seu lado. Os britânicos não querem avançar, pois que não avancem. Mas não impeçam os outros de avançar. Um mercado comum tem vantagens incontestáveis. Mas para a Europa ser protagonista global, no mundo de hoje, precisa absolutamente de ser uma Europa Política. Se não, nunca terá força nem credibilidade.

Os mais pragmáticos dizem que a Europa progrediu com pequenos passos, com compromissos possíveis em cada circunstância. Este será, nesta altura, o compromisso possível...

Duvido. Jacques Delors escreveu há pouco tempo, num tom resignado, que a Europa andou sempre dois passos à frente e um atrás. Desta vez, acho que o passo atrás foi muito maior do que os dois que se deram para a frente, se houve algum.

Sou europeísta e federalista convicto, quero uma Europa Política, uma Europa dos Cidadãos, que saiba para onde vai. Na qual os cidadãos tenham orgulho de ser "cidadãos europeus".

Sinto-me cidadão português, cidadão europeu, cidadão do mundo. Compreendo que outros nacionais não queiram ser cidadãos europeus. Mas não podem - nem devem - impedir-me de o ser.

A haver novo tratado, como é que deve ser ratificado por Portugal?

Depende. Se implicar alienação de parcelas de soberania, entendo que deve ser referendado. Se tudo fica na mesma, parece-me indiferente. O Povo Português é maioritariamente europeísta. Sempre foi. Como os grandes Partidos portugueses.

Receia que a gestão política interna possa sofrer com o peso da agenda externa, como aconteceu nas anteriores presidências portuguesas?

Receio. Sócrates tem uma agenda super carregada. E tanto o Governo como o Partido estão muito centralizados nele. Há, portanto, esse risco real.

Está a vislumbrar que pode haver o perigo de queda do Governo?

Não o prevejo nem desejo. Mas desleixar a frente interna quando o "estado de graça" começa a passar e o eleitorado PS espera reformas progressistas e uma certa viragem à Esquerda, parece-me perigoso.

Se correr bem a presidência portuguesa pode ter alguns dividendos internos?

A política externa tem pouco peso interno. As pessoas não vão julgar o Governo por isso, mas pelo facto de viverem melhor ou viverem pior, ou por sentirem mais liberdade ou menos liberdade...

Quando alguém diz que 'há pouco PS no Governo' isso decorre de um certo esvaziamento ideológico?

É evidente. As ideologias estão a regressar, dado o fracasso global do neo-liberalismo. Depois, há a relação entre a política e os negócios - ou o dinheiro - que não fazem boa companhia. A honradez cívica dos homens da I República foi uma das suas forças, apesar dos erros que cometeram. A política não pode ser uma forma dos políticos "se governarem". O serviço público deve ser um exercício de moralidade. Mesmo na América do Norte - terra dos *lobbies* - começa a compreender-se que é perigoso misturar os negócios com a política.

Sente-se confortável com a governação?

Os dois anos de Governo tiveram como objectivo fundamental reequilibrar as finanças públicas. Esse objectivo foi, de alguma maneira, conseguido. Vamos ver se está consolidado, ou não. Mas custou muitos sacrifícios, sobretudo aos mais pobres. Há um mal-estar na sociedade portuguesa que não deve ser ignorado. Há que dar razões às pessoas para acreditarem no Governo. As pessoas não protestam só porque os Sindicatos as empurram. Vêm para a rua porque sentem os seus postos de trabalho em causa ou porque a saúde, a educação, a justiça ou as reformas os preocupam. São problemas sérios. Chegou a hora de tranquilizar as pessoas quanto a eles.

Refere-se a quem ou a que áreas?

Não quero - nem devo - fazer avaliações individuais. Lanço um alerta geral e à bon entendeur...

Está a referir-se à Saúde ou à Educação?

Não insista, peço-lhe. Basta andar na rua e ouvir as pessoas. É um bom exercício para um político. Eu nunca deixo de o fazer.

Nos últimos tempos acumulam-se alguns sinais de autoritarismo, a impopularidade do Executivo cresceu, o mesmo se diga da conflitualidade social. O Governo corre o risco de não chegar ao fim?

Espero que não. Seria mau para a democracia e para o País que isso acontecesse. Não vejo que haja uma alternativa credível. O que é mau - repare - para o próprio Governo. Quanto ao autoritarismo, houve episódios desagradáveis, que foram muito empolados, mas que devem ser evitados e corrigidos. É talvez necessário haver mais sentido de autocritica e menos arrogância nas respostas.

Que leitura faz dos sinais de autoritarismo?

Não vejo sinais de uma cultura autoritária. Longe disso. Arrogância, sim, em certas áreas. Teóricos da Direita, esquecidos das lições do passado - e alérgicos aos Partidos políticos - já se atrevem a aconselhar o Presidente da República a "preparar-se para novos governos de iniciativa presidencial". O que é isso? Esquecem-se que são os Partidos que estruturam a democracia.

As denúncias à 'boa maneira' do Estado Novo não o preocupam?

Como democrata e antifascista claro que me preocupariam, se fosse o caso. Mas não é. A comparação com o Estado Novo é muito infeliz. Senti na pele a opressão do dito Estado Novo, ou seja: da Ditadura. Havia pides - bufos - por toda a parte, repressão à solta, nessa longa época sem a luz da liberdade. Hoje não. Felizmente. Comparar os dois sistemas, mais o que um erro grave, é um acto de má fé. Branquear o salazarismo não é aceitável. Falar de bufos e de denúncias, hoje, é utilizar terríveis nomes para pequenos abusos (desagradáveis) mas sem significado.

Conviveu, enquanto Presidente, com uma maioria absoluta do PSD. Nessa altura, afirmou que assistia 'com mágoa a uma progressiva degradação da política e da credibilidade pública dos políticos'. Corremos agora o mesmo perigo?

As maiorias têm essa tendência. A actual não escapa à regra. Mas cuidado com esse tipo de comparações e com os exageros. Há uma certa degradação da política e da credibilidade da política. É verdade. Tem sido explorada pelas oposições. Como é normal. A campanha contra os 'bufos' é exagerada, mas não sou contra que se faça. Porque realmente não pode haver 'bufos' numa sociedade livre...

No tempo da maioria absoluta de Cavaco Silva temia que se generalizasse a percepção no país de que se caminhava para «uma forma larvar de 'ditadura da maioria'». A situação pode repetir-se?

Não creio. As maiorias absolutas correm sempre esse risco. Podem ter a tentação de abusar. Não devem. Foi contra isso que alertei na altura. Lembrando a I República e os governos finais do Partido Democrático. Os outros partidos sentiam-se fora do sistema, e isso contribuiu para a sua queda. Hoje, continuo a dizer: "Atenção, há que evitar esse perigo". É preciso mais diálogo entre Governo e Oposições. E ouvir mais as pessoas. Os governos, em democracia, só ganham com isso. Em dar oportunidade a todos os que querem protestar. Pois que protestem. Segundo a Lei. Sem dramas.

Há quem diga que o PS não luta hoje pela liberdade, como no seu tempo, mas pelo estado social. Tem de se escolher entre a liberdade e o estado social?

Não creio. As épocas são diferentes. As comparações traiçoeiras. Hoje vivemos num Estado de Direito. Liberdade e Estado Social não são conceitos antagónicos. São complementares. É nessa complementaridade que radica o "socialismo em liberdade". O caminho deve ser: aprofundamento das liberdades e cada vez mais e melhor Estado Social.

O estado social entendido como condicionador do indivíduo...

O Estado Social é uma conquista dos últimos cinquenta anos que deve ser considerada irreversível para as pessoas individualmente consideradas. Foi ele que trouxe felicidade e paz - sociedades de bem estar - a esta parte do Mundo m que vivemos.

Mas o que a generalidade dos políticos, incluindo os de esquerda, dizem hoje aos cidadãos é que o Estado Social tem dificuldades de sustentação...

Essa é a tese do neo-liberalismo, que ganhou a Europa,, nos últimos anos, mas parece estar a esgotar-se. A Professora Maria João Rodrigues com a sua "Estratégia de Lisboa" tem procurado, com êxito, compatibilizar o Estado Social com a competitividade. Hoje a sustentabilidade do Estado Social, nas sociedades desenvolvidas, é um imperativo moral e uma necessidade para evitar conflitos que enfraquecem perigosamente a coesão dos Estados e as suas economias.

O problema é que a generalidade da Europa está longe disso...

Nós próprios, que lançamos a Estratégia de Lisboa, na presidência de António Guterres, estamos longe. Temos de avançar, como têm feito outros países europeus, como a Finlândia.

Foi indigitado presidente da Comissão da Liberdade Religiosa numa altura em que a Igreja Católica revela mal-estar em relação ao Governo. Que lhe diz a sua sensibilidade sobre este diferendo?

Não posso pronunciar-me nessa qualidade porque ainda não fui nomeado. Fui sondado e indigitado publicamente mas ainda não nomeado. Não tomei posse. Como se sabe, sou agnóstico. Respeito, porém, todas as religiões. Para lhe responder, concretamente: acho que se houve alguma tensão entre a Igreja Católica e o Governo - repare que só sei o que dizem os jornais - foi ultrapassada.

A Igreja católica protesta contra a 'mentalidade laicista' e contra a 'ilusão' de que, após o referendo do aborto, não tem influência...

O laicismo, aliás aceite desde o Concílio Vaticano II, baseia-se na separação entre as Igrejas e o Estado. Salazar, que era católico, nunca mexeu na Lei da Separação que vem de Afonso Costa (I República), apesar da Concordata. O bom entendimento entre as Igrejas e o Estado - e, em especial, a Igreja Católica, que é maioritária - é essencial ao bom funcionamento de um Estado laico.

Qual é o seu ideal de férias?

É estar no Vau, receber lá amigos. Sair só para tomar banhos de mar e dar longos passeios na praia e agora de barco. É passar o dia a ler, a escrever e a reflectir. À noite, ter em família amigos para jantar e conversar. Depois ver uma ou duas sessões de bom cinema, em DVD.

Quem é que não gostaria de encontrar nestas férias?

Não tenho fobias. Falo com toda a gente.

Quais foram as férias da sua vida?

Talvez as de 1972, quando estava exilado. A minha Mulher alugou uma casa em Marbella, que estava nessa altura a nascer para o turismo. A praia era excelente, demos grandes passeios pelos arredores, com os filhos. Revi ali o meu livro *Portugal Amordaçado*. Sempre a pensar no que haveria de ser Portugal, liberto das guerras coloniais e livre.

O que é que lhe tira o sono?

Nada. Mesmo quando estou preocupado com qualquer coisa é raríssimo perder o sono. Como se sabe, durmo nos automóveis, nos aviões, nos barcos, às vezes - raramente - em certas Conferências... O sono, felizmente, não me falta. O que me falta, cada vez mais, é o tempo. Talvez por dormir bem, nunca fui dado a depressões nem a excessos de euforia.

Que anda a ler?

Faço sempre leituras cruzadas. Acabei de ler o livro da Zita Seabra, de que fui um dos apresentadores. Estou a ler, o último livro de Stiglitz, "Pour un Commerce Mondiale Plus Juste", leitura pesada, e outro de um amigo, Gregorio Peces-Barba, "La España Civil". E de literatura (aliás, excelente): José Agualusa: "As Mulheres de Meu Pai". Sou um leitor compulsivo. Não me desloco nunca sem livros.

E quanto à escrita, que está a fazer?

Tenho escrito artigos para o El País e para a Visão, regularmente. E para o Jornal de Letras, quando o José Carlos de Vasconcelos me pede. Conferências, Prefácios... Mas livros, não. Tenho ideias e projectos. Por exemplo: um ensaio contra a corrente: "Elogio da Política e dos Partidos". As férias, para mim, são sempre muito produtivas. Talvez explore uma ou duas pistas...

Ensaio ou ficção?

Ficção não. É muito tarde. Não tenho ofício de escrita para tal. Mas contar algumas coisas a que assisti, divertidas e mais ou menos caricaturadas... É uma tentação.

Qual é a viagem que lhe falta fazer?

Tantas... Timor, Indonésia, Austrália, Nova Zelândia. Não sei se tenho coragem, mas gostava de ir. Nunca fui à Bolívia. É um dos raros países da Ibero América que não conheço. Também nunca fui ao Vietname.

Que pensa das eleições para Lisboa?

A gestão da Câmara feita pela Direita foi, reconhecidamente, uma desgraça. A situação financeira deixada é catastrófica. As eleições não foram entusiasmantes. António Costa, que apoiei, cometeu erros tácticos ao querer agradar a toda a gente e remetendo-se a uma posição defensiva. A votação nos chamados independentes foi um equívoco. O descrédito, alimentado intencionalmente pela comunicação social - e por certos interesses - contra a política e os Partidos é contrário ao fortalecimento da democracia e lesivo para o País. O resultado foi que os dois grandes Partidos diminuíram sensivelmente a sua votação, os pequenos, da Esquerda, não melhoraram e o PP afundou-se, perigosamente. Como se sabe, sou a favor do pluripartidarismo.

Espero que António Costa consiga governar bem, sem maioria, e dentro de dois anos consiga voltar a ganhar e com ampla maioria, com a Esquerda, mesmo sem precisar dos seus votos. Tem

tudo para o conseguir: honestidade, inteligência, coragem, habilidade (para escapar às tricas e intrigas políticas, mesmo as que venham do interior do seu Partido...).

Está muito em favor dos Partidos e contra os Independentes?

Sem Partidos não há democracia. O regime de partido único - ou sem partidos - significa sempre Ditadura. Portugal já teve a sua conta, com crimes e erros graves que o atrasaram meio século.

Claro que os Partidos têm que se renovar e democratizar. Não podem transformar-se em clientelas ávidas de lugares e de dinheiro. Têm que se estruturar em volta de um corpo de ideias coerente - que os distinga uns dos outros - e de princípios éticos que os oriente, inflexivelmente.

Faz falta mais ideologia, mais transparência, quanto às receitas e aos gastos, e mais educação cívica e ética para o comportamento dos seus quadros e militantes.

Se estivesse perante uma plateia que o desconhecesse, que não tivesse referências a seu respeito, como se apresentaria, que auto-retrato faria?

Tenho oitenta e dois anos. Boa saúde e muita alegria em viver. Sou casado há 58 anos. Tenho 2 filhos e 5 netos. Lisboaeta de gema, orgulho-me de ser português. Apesar de me considerar, também, cidadão europeu e do Mundo. Socialista, republicano e laico, por convicção. Amigo da liberdade, sem a qual me é muito difícil viver. Fiz essa dura experiência, em ditadura, durante 32 anos da minha vida activa e consciente. Político, não por profissão, mas por paixão. Tenho tido uma vida variada e rica de experiências. Com alguns dissabores, pelo meio, a que reagi sempre sem perder o bom humor. Sinto-me bem na minha pele. Não me queixo de nada, E continuo voltado para o futuro. Raramente, porém, penso na morte. Por enquanto...

Agosto 2007